

# As heranças semita e grega na compreensão do *logos* joanino

## The Semitic and Greek heritages in the understanding of the Johannine *logos*

*Maycon Renan da Silva Santos Boni*<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo procura tratar do conceito *logos* e a sua utilização pelo evangelista João no Prólogo do seu evangelho. João 1,1 utiliza esse conceito por três vezes para falar que o *logos* estava com Deus desde o princípio e que também o *logos* era Deus. João também utiliza tal conceito em 1,14, mas dessa vez assumindo a carne. O conceito *logos* é um conceito que faz parte do mundo helênico. Porém, está presente no evangelho que apresenta o anúncio de salvação de Deus em Jesus Cristo. A presente pesquisa investiga o porquê de João utilizar tal conceito no evangelho e quais foram as influências sofridas pelo evangelista ao utilizar o conceito *logos*.

### PALAVRAS-CHAVE

Logos; João; Evangelho; Prólogo.

### ABSTRACT

This article seeks to address the concept *logos* and their use by the evangelist John in the Prologue of his Gospel. John 1,1 uses this concept three times to say that the *logos* was with God from the beginning and that the *logos* was also God. John 1,14 also uses this concept, but this time assuming the flesh. The concept *logos* is a concept that is a part of hellenic world. However, it is presente in the gospel that presents the

---

<sup>1</sup> Doutor e Pós-doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná PUCPR.

announcement of God's salvation in Jesus Christ. This research investigates why of John uses this concept in the gospel and what were the influences suffered by evangelist when using the concept *logos*.

## KEYWORDS

Logos; John; Gospel; Prologue.

A leitura do Prólogo joanino supõe que sejam esclarecidos a origem e, também, o alcance do título *logos*. Tal título designa o ser que o poema celebra, e só aparece em dois versículos (1 e 14), porém ele é assunto do texto em seu conjunto. Além disso, no *logos* que em grego significa “Palavra”, o leitor reconhece espontaneamente a segunda pessoa da Trindade, visto que, o Prólogo cantaria a encarnação do “Verbo”, que se tornou Jesus Cristo. Tal leitura deriva de um conhecimento dogmático que é posterior ao próprio texto<sup>2</sup>.

Este título *logos* é atribuído a Jesus, entre outros, mas o evangelista João dá enfoque especial nele. Uma particularidade desse título é que Jesus nunca o reivindica, de modo que ele se proclama Messias, Rei, Filho do Homem, Filho de Deus, se oferece como videira, água, vida, luz, porém nem uma só vez designa a si mesmo como *logos* ou Palavra de Deus<sup>3</sup>.

Em todo caso, o título de *logos* que foi atribuído a Jesus não vem do próprio Jesus. O autor do Evangelho de João absteve-se de pô-lo nos lábios de Cristo, e isso honra muito sua probidade e mostra que ele sabia perfeitamente distinguir aquilo que era seu ensinamento pessoal e o ensinamento de Cristo. Por isso, é preciso compreender o evangelista que escolheu o título *logos*, o qual se prendeu à tradição veterotestamentária relativa à Palavra, à tradição veterotestamentária relativa à Sabedoria, ao judaísmo tardio (Fílon e o judaísmo rabínico), ao mundo grego ou a diversos *theologoumena* do cristianismo anterior a João e à existência

<sup>2</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João I: capítulos 1 – 4*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 47-48.

<sup>3</sup> GUILLET, J. *Jesus Cristo no evangelho de João*. Trad. Jean Briant. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 14.

pessoal do evangelista<sup>4</sup>. Assim, pretende-se buscar aqui alguns antecedentes do título *logos*, a fim de se perceber quais as influências que o evangelista pode ter sofrido para que pudesse utilizar esse título e aplicá-lo a Jesus.

## 1. A tradição veterotestamentária relativa à Palavra divina

O vínculo do *logos* do Evangelho de João ao AT produziu-se em duas direções que são semelhantes e válidas, de modo que se encontram a teologia da Palavra e as especulações sobre a Sabedoria. Neste sub-tópico, apresentamos o estudo relativo à Palavra (principalmente Gênesis, Êxodo, Profetas) e, no próximo tópico, o estudo relativo à Sabedoria (principalmente Eclesiástico, Provérbios, Sirácida e Salmos). Apresentamos uma visão panorâmica acerca da tradição relativa à Palavra.

Pode-se dizer que o *logos* do Evangelho joanino muitas vezes foi explicado a partir do considerável papel representado no AT pela Palavra divina reveladora e criadora, concebida como realidade dinâmica soberanamente eficaz, quase como um ser vivo. Essa Palavra fez o universo e ao mesmo tempo dirige a história, principalmente a história de Israel, ao mesmo tempo que possibilita que ela seja compreensível. O que o NT faz é praticamente repetir o que está no AT no que diz respeito à Palavra criadora e reveladora<sup>5</sup>.

A Palavra de Deus no AT é muito importante para a compreensão da questão do Prólogo joanino, apesar dos textos não fazerem dela uma realidade subsistente ao lado de Deus. A Palavra de Deus é o próprio Deus que vai ao encontro do homem com a força, o dinamismo de sua vontade de salvação. Todavia, ela jamais é personificada, ou hipostasiada<sup>6</sup>.

Assim, o termo *logos* é geralmente traduzido do hebraico (*Dabar* – Palavra) para a versão dos Setenta, embora seja costume ser traduzido nos livros proféticos pelo grego *rhema*<sup>7</sup>. *Dabar* não tem significado

<sup>4</sup> FEUILLET, A. *O prólogo do quarto evangelho: estudo de teologia joânica*. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1971, p. 213.

<sup>5</sup> FEUILLET, 1971, p. 219.

<sup>6</sup> LÉON-DUFOUR, 1996, p. 49-50

<sup>7</sup> *Rhema* é outra concepção de *logos*, isto é, outra concepção de Palavra de Deus.

filosófico no AT, nem mesmo significado esotérico, mas significa a comunicação de Deus que fala aos patriarcas ou aos profetas, dirigindo-se ao seu povo. Também, às vezes, se vê a utilização da expressão *palavra, dabar*, em sentido absoluto, chamando os dez mandamentos *deka logous*, isto é, “as dez palavras” (Êx 34,28), aqui como sentido de normas de aliança<sup>8</sup>.

Em Gn 1 a Palavra possui ação criadora, pois é por meio dela que Deus disse: “Haja luz. E houve luz” (Gn 1,3). Também o Salmo 33,6 fala que a Palavra do Senhor criou os céus. Para Pereira, no AT há uma inseparabilidade entre a criação do mundo, do homem e da mulher em relação à Palavra de Deus. No AT é possível perceber a manifestação de Deus que se dá pela Palavra. Neste sentido, é possível ver tal manifestação em Êx 20,18 quando diz: “a voz do Senhor ressoa no Sinai entre os relâmpagos e estrondos”; “e Deus se revela falando com Moisés” (Ex 19,4; 20,19; 34,1).

Todavia, a principal fonte dos dados fornecidos pelo AT sobre a Palavra continua a ser a experiência profética. Vale lembrar que a Palavra dos profetas é dotada de um dinamismo e de uma força extraordinários que provém de sua origem, que é divina. Assim, manifestam os efeitos produzidos sobre aqueles que são os beneficiários. É a Palavra que comunica aos profetas a coragem de atacar em nome do bem e da justiça, as mais altas autoridades políticas ou até mesmo autoridades espirituais<sup>9</sup>.

Os profetas prendem-se a Moisés e são assediados pela lembrança do período mosaico. Moisés é o primeiro e o maior dos profetas, porque é ele o beneficiário das manifestações divinas fundamentais no Sinai<sup>10</sup>. Os profetas podem dizer Palavra de Deus porque antes beberam ou comeram a Palavra, isto é, viveram esta Palavra, fizeram a experiência na própria vida. Além disso, o fenômeno da *logofania* é muito interessante, pois pode ensinar que a palavra de Deus é gratuidade, dom de Deus, e não engano humano (Jr 1,6.9; 15; 16; Ez 2,8-9; 3,1).

<sup>8</sup> PIKAZA, X.; SILANES, N. *Dicionário teológico o Deus cristão*. Trad. I. F. L. Ferreira; Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1988, p. 539.

<sup>9</sup> PEREIRA, W. F. A Palavra de Deus no Novo Testamento. *Revista caminhando*. São Paulo, v. 9, n. 1 [13], p. 11-24. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/1405/1426>>. Acesso em: 6 de jan. 2017, p. 12.

<sup>10</sup> FEUILLET, 1971, 224-225.

Assim, a Palavra de Deus está nos ouvidos ou nos lábios, porém precisa ir até o coração (Dt 30,14; Jr 15,16; Ez 3,10). O profeta é tal porque se identifica espiritualmente com a Palavra de Deus, vive sua tensão, seu ponto de vista e participa também de sua energia. Além disso, é preciso ter em mente que Palavra de Deus não é simplesmente locução, mas acontecimento. Por isso se fala com frequência que a Palavra de Deus ocorre, sucede. A Palavra de Deus é eficaz, criadora (Gn 1,3; Ez 37,9), ela é palavra reveladora e salvadora. Portanto, a resposta humana é obediência e fé<sup>11</sup>.

Anteriormente mencionou-se que a Palavra divina jamais é personificada, porém as vezes ela parece se levantar como uma pessoa (Sl 119,89). Isaías descreve sua eficácia num poema em que isso é notável<sup>12</sup>:

Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não volta a mim sem efeito; sem ter cumprido o que eu quis realizado o objetivo de sua missão (Is 55,10-11)<sup>13</sup>.

Existem outros textos na Bíblia<sup>14</sup> que concebem a Palavra divina como uma realidade dinâmica, força soberanamente eficaz. Por isso há uma tendência de querer fazer dela um ser vivo distinto de IAVÉ que a pronuncia, para personificá-la. Tais textos em que a Palavra parece ser personificada podem ser tomados como preparativos do *logos* joânico, que é uma pessoa<sup>15</sup>.

## 2. A tradição veterotestamentária relativa à Sabedoria divina

Geralmente quando reflete sobre a Sabedoria, alguns textos ‘personificam de certo modo’ a Palavra de Deus presente nos salmos, como por

<sup>11</sup> PIKAZA, 1988, p. 539.

<sup>12</sup> LÉON-DUFOUR, 1996, p. 50.

<sup>13</sup> Citação feita a partir da Bíblia de Jerusalém. Citação nas referências.

<sup>14</sup> Is 9,7; Sl 119,89; 147,18; Sb 18,14-16.

<sup>15</sup> FEUILLET, 1971, p. 228.

exemplo: “Sua Palavra enviou para curá-los” (Sl 107,20), ou também nos profetas, como Is 55,11: “Assim será a minha Palavra: a que sai de minha boca, não voltará a mim vazia, sem haver realizado o meu desígnio e haver cumprido aquilo para que a enviei”. Todavia, onde se percebe maior tendência para a personificação da Palavra é nos livros sapienciais.

Tal Palavra vem em forma de sabedoria e é como que a Palavra interior de Deus (Pr 8,22-23). Ela é também identificada com a Palavra de Deus, pois sai da boca dele (Eclo 24,3). Tal Palavra foi criada desde o princípio, e subsistirá pelos séculos (Eclo 24,8b-9). Portanto, é possível encontrar no texto de Pr e no último de Eclo a linguagem utilizada no Prólogo do Evangelho de João para falar do *logos*<sup>16</sup>.

Teria o autor do Quarto Evangelho bebido da literatura sapiencial para compor o Prólogo do seu Evangelho? A Sabedoria do AT tem semelhanças com o Prólogo joanino? O *logos* possui diferenças da Sabedoria? Apesar de João 1,1-5 fazer referência a Gn 1,1-5, a expressão “no princípio”, que é encontrada em Jo 1,1, provém das citações de Pr e Eclo. Além disso, outro texto sapiencial que pode haver favorecido a apresentação do *logos* joanino é Sb 7,22-8,1. O *logos* no Prólogo lembra o *logos* da Sabedoria nesta passagem sapiencial. Também em Sb 9,1-12 aparecem juntas Palavra e Sabedoria, *Logos* e *Shopia*, de modo que nos dão pistas para a compreensão do Prólogo de João<sup>17</sup>.

Há um parentesco bem próximo do Prólogo de João com os escritos de Sabedoria do AT, porém por isso ele indaga o porquê o Cristo é ali designado, não como *Sophia*, mas como *logos*. Para a escolha desse título cristológico dois motivos devem ter contribuído: o primeiro é porque a palavra *logos* é masculina. Então convinha que ele fosse usado ao invés de *Shopia hipostaseada* para indicar a pessoa do Cristo preexistente e encarnado. O segundo motivo é que apesar de assumir, às vezes, uma tarefa propriamente reveladora (principalmente enquanto à Palavra ou a Torá), a *Shopia hipostaseada* representa, sobretudo no AT, um papel cósmico por ocasião da criação do universo. O termo “Palavra”, ao contrário, é aquele que mais se encaixa para expressar a ideia de revelação pela qual Deus fala aos homens<sup>18</sup>.

<sup>16</sup> PIKAZA, 1988, p. 539.

<sup>17</sup> PIKAZA, 1988, p. 539.

<sup>18</sup> FEUILLET, 1971, p. 236-237.

### 3. O judaísmo tardio: Filon, a *Torá* e o *Memrá* dos rabinos

Para explicar o Prólogo do Quarto Evangelho, foram destacadas duas formas de judaísmo: o judaísmo alexandrino de Filon e o judaísmo rabínico<sup>19</sup>. A doutrina de Filon assemelha-se a um ensaio de síntese entre a Escritura e a filosofia grega. Ele não é um pensador solitário, pois foi influenciado por ideias que ele defende de seus antecessores, de modo que os escritos daqueles nada ficaram, mas chegaram até os dias de hoje por meio de Filon<sup>20</sup>.

Existem analogias que são feitas com o *logos* do Evangelho de João e o *logos* de Filon de Alexandria. Filon é um judeu fortemente influenciado pelo pensamento helênico. Ele via no *logos* o lugar arquetipo das ideias, também o mundo inteligível, o modelo do mundo sensível. Filon dirá que “o mundo (cosmos), por pertencer ao domínio da sensação (*aisthetos*), é o filho caçula de Deus, enquanto o filho mais velho, o *logos*, por ser de natureza inteligível (*noetos*), é mantido ao lado de Deus”<sup>21</sup>.

Filon utilizou muitas vezes a palavra *logos* e serviu-se dela aproximadamente 1300 vezes para exprimir a ideia de um mediador entre o Deus transcendente e o universo. O *logos* dele é difícil de ser definido, pois “é, ao mesmo tempo, o *Nous*<sup>22</sup> divino e o mundo inteligível (*kósmos noëtos*), isto é, a imagem compreensível e eterna de que Deus serviu para criar o mundo sensível. O *logos* é ainda o homem ideal de onde derivam os homens empíricos”. Percebe-se, então, que em Filon o *logos* tem a função de mediador entre Deus e os homens. Além disso, ele é personificado<sup>23</sup>.

“O ser que ele chama de *logos* permite-lhe ter como objeto de reflexão o elo de ligação entre Deus, o infinitamente puro, e o mundo da matéria, assim como entre Deus e a alma humana”<sup>24</sup>. Filon não fala sobre

<sup>19</sup> FEUILLET, 1971, 237.

<sup>20</sup> FEUILLET, 1971, p. 237.

<sup>21</sup> LELOUP, J. Y. *O evangelho de João*: traduzido para o francês e comentado por Jean-Yves Leloup. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 4. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012, p. 162.

<sup>22</sup> A palavra “*Nous*” pode ser traduzida por “mente”, “intelecto” ou “espírito” Disponível em: <<http://www.webdianoia.com/glosario/display.php?action=view&id=236>>. Acesso em 11 jun. 2017.

<sup>23</sup> GUILLET, 1971, p. 237.

<sup>24</sup> LÉON-DUFOUR, 1996, p. 50.

a divindade do *logos*; ele fala que o *logos* é o primogênito de Deus e chamado também segundo Deus, de modo que ele recebeu as funções de Criador e agente de comunicação entre Deus e os homens. A divindade do *logos* é impropriamente dita, mas vale dizer que ele é imagem de Deus<sup>25</sup>. Por meio dele o homem foi criado e através dele pode aprender os caminhos da união mística, diz Fílon.

A influência de Fílon sobre João não é contestável, todavia isso não significa que o evangelista dependa literariamente de Fílon. Negar as influências pode ser exagero, mas afirmá-las com total segurança é um pouco difícil. Certamente tanto Fílon quanto João se valem das mesmas fontes veterotestamentárias<sup>26</sup>. Muitas vezes se falou que o “evangelista João se inspirou em Fílon para escrever o seu Prólogo sobre o Verbo [...]. No entanto, isso mostra que havia no judaísmo do século I uma reflexão teológica sobre o papel da Palavra de Deus. O quarto evangelho se aproveitou disso”<sup>27</sup>.

No judaísmo tardio, pode-se dizer que a *Torá* é idealizada e personificada. Tal fenômeno foi, certamente, facilitado por meio da identificação da *Torá* com a Sabedoria, como já era preconizada pelo Sirácida (máxime cap. 24) e o Livro de Baruc (3,9-4,4). Existe a possibilidade de João ter se lembrado de conceitos desse gênero, pois o que o *logos* encarnado significa aos seus olhos é o que a *Torá* significa para os rabinos: luz e vida dos homens, e suprema prova do amor divino<sup>28</sup>. Em todo caso, pode se tratar de uma fonte secundária do pensamento joânico.

Nos *Targums*, o *Memrá* “designa a ordem divina ou a revelação divina, mas também as manifestações antropomórficas de Deus, que são distintas de sua verdadeira essência”<sup>29</sup>. Além disso, o *Memrá* rabínico não é uma hipóstase e não representa papel de mediador, mas “simples substituto do nome divino como o ILocal, o poder, ou mesmo uma personificação poética destinada a evitar os antropomorfismos: boca, voz, sopro de Javé”<sup>30</sup>.

<sup>25</sup> LÉON-DUFOUR, 1996, p. 50.

<sup>26</sup> FEUILLET, 1971, p. 238-239.

<sup>27</sup> MEURIER, B. *O nascimento dos dogmas cristãos*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 39.

<sup>28</sup> FEUILLET, 1971, p. 239-240.

<sup>29</sup> LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1828.

<sup>30</sup> FEUILLET, 1971, p. 240-241.



Teria, então, o *Memrá* exercido influência em João? As opiniões divergem sobre isso. Pikaza, por exemplo, diz que o emprego absoluto de *logos* no Prólogo do Quarto Evangelho e sua dimensão hipostática intradivina (O *logos* estava junto com Deus e o *logos* era Deus) não podem ser explicados pelo emprego de *Dabar Iahweh*, nem pelo emprego targúmico do *Memrá de Iahweh*, nem através do emprego do NT *lógos tou Theou* (*lógos de Deus*)<sup>31</sup>. Torres diz que “havia uma diferença conspícua entre o uso de *mêmrá* e as novas associações impostas pela escolha do *logos*”<sup>32</sup>. De opinião contrária, Feuillet infere que alguns estudos convidam a não excluir toda possibilidade de influência sobre João do *Memrá targúmico*<sup>33</sup>.

#### 4. Algumas considerações sobre o *logos* no mundo grego: Heráclito, Platão e os estóicos

A doutrina do *logos* encontra-se em inúmeros sistemas filosóficos e religiosos e em diversos países como Índia, Pérsia, Egito, Grécia. Todavia, o que interessa aqui é a Grécia, pois foi lá que o cristianismo se desenvolveu<sup>34</sup>. O “Logos na língua grega adquiriu significados variados: palavra, discurso, cálculo, número, narração, fundamento, tema expressado, razão, lei interior”<sup>35</sup>. Portanto, serão abordadas algumas instâncias que o autor do Quarto Evangelho certamente conheceu, que poderiam ter exercido algum tipo de influência sobre o seu pensamento no que diz respeito ao *logos* no mundo grego.

O primeiro a ter proclamado a existência do *logos*, de acordo com Justino, foi Heráclito. Não é fácil a interpretação dos textos e também do significado preciso que se deve atribuir a cada caso à palavra *logos*<sup>36</sup>.

<sup>31</sup> PIKASA, 1988, p. 540.

<sup>32</sup> TORRES, M. L. A retórica do Logos. *Revista caminhando*. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 147-167, 2016. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/6992/5506>>. Acesso em: 6 de jan. 2016, p. 153.

<sup>33</sup> FEUILLET, 1971, p. 241.

<sup>34</sup> FEUILLET, 1971, p. 214.

<sup>35</sup> PIKAZA, 1988, p. 538.

<sup>36</sup> FEUILLET, 1971, p. 214.

Além disso, são Justino ia mais longe e dizia que Heráclito passara sua existência em tamanha conformidade com o *logos* que, do mesmo modo que Sócrates, merecia ser chamado de cristão<sup>37</sup>. Nos 125 fragmentos restantes do “*Peri Phuseôs*” de Heráclito, o *logos* parece representar certo papel como a lei do universo. Estes fragmentos são aforismos um tanto quanto obscuros, dos quais se pode deduzir alguns pontos: a) o *logos* é eterno; b) em toda parte está presente; c) encarna-se no fogo, elemento primordial que domina o incessante fluxo das coisas; d) ele harmoniza as forças opostas; e) comunica aos homens a palavra e, enquanto percebido por todos, torna-se critério da verdade; f) ensina a reconhecer a unidade essencial de todas as coisas<sup>38</sup>.

Heráclito indicou o fogo como sendo “princípio” fundamental, e considerou todas as coisas como sendo transformações do fogo<sup>39</sup>. Nesse sentido, esse fogo é como “raio que governa todas as coisas”. E, aquilo que governa todas as coisas na concepção de Heráclito é “inteligência”, é “razão”, “é “logos”, é “lei racional”<sup>40</sup>. O *logos* é identificado como o fogo, e este *logos* /fogo é o princípio de todas as coisas. Para Heráclito o *logos* possui uma função de harmonizar, de manter unidas todas as coisas: “De acordo com Heráclito, nos tornamos inteligentes ao inspirarmos, através da respiração este *logos* que nos ‘Liga’ a tudo que existe; passamos a não mais estar ‘separados’”<sup>41</sup>. Nas palavras de Torres, em Heráclito o *logos* parece ter uma função de corrigir os desvios da eterna lei que governa as coisas<sup>42</sup>. Mas Heráclito teria influenciado o autor do Quarto Evangelho no que diz respeito ao *logos*?

Muitos julgaram que a doutrina dele, conhecido como o grande filósofo de Éfeso, estava ainda viva em tal cidade no primeiro século da era cristã e teria sobrevivido em trabalhos platônicos conhecidos como, por

<sup>37</sup> LELOUP, 2012, p. 160.

<sup>38</sup> FEUILLET, 1971, p. 214-215.

<sup>39</sup> Reale, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia: antiguidade e idade média*. São Paulo: Paulus, 1990, p. 23.

<sup>40</sup> REALE, 1990, p. 37.

<sup>41</sup> LELOUP, 2012, p. 161.

<sup>42</sup> TORRES, 2016, p. 149.

exemplo, o de santo Agostinho<sup>43</sup>. João teria se inspirado neles quando compunha seu Evangelho, em Éfeso<sup>44</sup>. Certamente o evangelista conhecia as ideias de Heráclito que poderiam tê-lo influenciado. Porém, não somente as ideias deste filósofo, mas também de outros poderiam ter exercido influência sobre ele.

Outra reflexão acerca do *logos* diz respeito a Platão. É possível apresentar uma corrente que diz que Platão não tratou da questão do *logos* ou outra corrente que defende a ideia do *logos* platônico. Feuillet assevera que não é o caso de ficar insistindo a respeito do suposto *logos* platônico, pois uma teoria deste gênero foi atribuída a Platão. Na verdade, seus diálogos são completamente mudos a este respeito. Em todo caso, se questiona de onde pode ter vindo estas ideias que por muito tempo filósofos e teólogos falaram tanto. Existe equívoco em torno da questão de que Platão teria influenciado ou não o evangelista acerca da questão do *logos*<sup>45</sup>.

Parece que há uma confusão muito frequente entre Platão e os platônicos e, também, entre o Platão autêntico e o Platão apócrifo. Os filósofos pagãos ou cristãos que especularam sobre o *logos*, eram na maioria platônicos, de modo que apraziam-se em se firmar em Platão e atribuir a ele suas próprias ideias. Desse modo, as obras apócrifas ajudaram muito. Não havia necessidade de testemunhos formais, de modo que os escritores antigos, principalmente na época do helenismo, não tinham a preocupação de discutir a autenticidade das obras que estudavam, além de pouco se importarem com o sentido literal do texto e a ideia do autor<sup>46</sup>.

Portanto, a primeira corrente conclui que falar de uma influência platônica em relação ao *logos* é inautêntico. O que continua sendo incontestável é o fato de Platão com sua teoria a respeito do mundo inteligível que é modelo e princípio do mundo sensível, tenha exercido influência sobre todo o pensamento filosófico ulterior, inclusive o estoicismo.

---

<sup>43</sup> Vale lembrar que Agostinho é dos séculos IV-V, mas o autor o menciona para dizer que o pensamento de Heráclito permanecera vivo em trabalhos platônicos como o de Agostinho.

<sup>44</sup> FEUILLET, 1971, p. 215.

<sup>45</sup> FEUILLET, 1971, p. 215.

<sup>46</sup> Apud LEBRETON et al FEUILLET, 1971, p. 215.

Assim, bastará Filon assimilar o mundo compreensível ao *logos* para fazer dele a causa exemplar do mundo<sup>47</sup>.

A outra linha de reflexão defende que Platão refletiu sobre o *logos* e que tal reflexão influenciou o Evangelho de João. Silva aborda sobre um possível contato existente entre a produção textual cristã e o corpo platônico, de modo que se tem na helenização o ponto de encontro legitimador de tal influxo. Silva procurou apontar os influxos da filosofia platônica presentes no Prólogo do Quarto Evangelho<sup>48</sup>. Para Torres “em Platão, o *logos* perde um pouco de seu destaque, assumindo uma posição secundária em relação a outros ordenadores do mundo: a ‘sabedoria’ (*sophia*) e a ‘mente’ (*nous*)”<sup>49</sup>. Silva defende haver semelhança entre o *Demiurgo* de Platão e a divindade criadora da tradição hebraica, retomada no Prólogo do Evangelho joanino. O texto ao qual se remete o Prólogo é o de *Gênesis* 1,1-31, o mito da criação hebraica, onde o Deus criador faz o todo surgir através de seu *logos*, que o evangelista personifica como sendo a pessoa de Cristo.

Segundo Silva, é possível encontrar em Platão algumas divergências em relação ao mito criacionista hebraico, de modo que a mais marcante delas está no fato de o *Demiurgo* se utilizar de um modelo eterno e inteligível como sendo norteador de sua obra, um modelo exterior a ele e não-criado. Seria como algo que sempre existiu e nunca teve princípio<sup>50</sup>, não sendo exposto no texto como o *logos* da entidade criadora. Silva assevera que tal divergência pode ser contornável facilmente, pois se aceitar uma ressignificação do sentido do texto, de modo que se muda a

<sup>47</sup> FEUILLET, 1971, p. 216.

<sup>48</sup> SILVA, R. R. Os influxos do Modelo Eterno encontrados no *Timeu* de Platão e o *Logos* encontrado no Prólogo do Evangelho de João. *Revista caminhando*. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 25-36, 2016.

<sup>49</sup> TORRES, 2016, p. 149.

<sup>50</sup> Reale (1990, p. 142) fala sobre o pensamento de Platão a respeito da criação do mundo sensível: “há um modelo (o mundo ideal), existe uma cópia (o mundo sensível) e existe um Artífice, que produziu a cópia servindo-se de modelo. O mundo do inteligível (o modelo) é eterno, como eterno é também o Artífice (a inteligência). O mundo sensível, ao contrário, construído pelo Artífice, nasceu, isto é, foi gerado, no sentido verdadeiro do termo, como podemos ler no *Timeu*: ‘Ele nasceu porque pode-se vê-lo e tocá-lo, pois ele tem corpo e tais coisas são todas sensíveis; e as coisas sensíveis (...) estão sujeitas a processos de geração e são geradas’”.

memória discursiva presente no mito da criação platônica e molda-a ao mito criacionista hebreu, retirando a existência separada do *Demiurgo* e seu modelo, agrupando-os em um Deus criador com seu *logos*<sup>51</sup>.

A conclusão que se tem, segundo Silva, é que no mito criacionista hebreu não há um *logos* nas palavras do *Gênesis*, mesmo que seja encontrado mais de um Deus. Em todo caso, a mudança de significados, isto é, a ressignificação é utilizada pelo evangelista para aproximar as duas culturas e, desse modo, justificar a divindade de Cristo. Desse modo, Silva assevera a existência da necessidade do autor do documento, isto é, do Prólogo do Evangelho de São João, em aproximar o pensamento mítico hebreu e o mito platônico<sup>52</sup>.

Outra reflexão sobre a questão do *logos* é feita a partir dos estoicos. Wardison afirma que os estoicos conceberam o *logos* como algo abstrato<sup>53</sup>. Leloup infere que para os estoicos não existe mais nada divino do que o *logos*, mas em tal contexto o *logos* significa razão. O mundo é regido pela razão, além de desenvolver-se pela razão, é sustentado e é o que é pela ação do princípio razoável. Assim, o homem só poderá ser tido como nobre e também humano a medida que faz uso da razão. Seguir a razão reta, isto é, o *logos*, é o seu dever, de modo que será apenas lá que o homem poderá encontrar a felicidade.

O cristianismo foi particularmente influenciado por este *logos* estoico. Aquele que é guiado pela razão reta será considerado obediente ao *logos*, que é o equivalente a obedecer ao próprio Deus. Nesta ótica, pecado, doença, loucura, etc., será distanciar-se da razão ou até mesmo perdê-la. Este ideal de “homem razoável”, “são de espírito”, marcou profundamente as sociedades ocidentais<sup>54</sup>.

Segundo Feuillet:

<sup>51</sup> SILVA, 2016, p. 27.

<sup>52</sup> SILVA, 2016, p. 28. Para tanto, Silva, 2016, p. 28-35, desenvolve toda uma argumentação que pode ser conferida nas páginas mencionadas.

<sup>53</sup> WARDISON, A.; TEIXEIRA, C.; JESUS, J. P. T. O Prólogo de João: atributos conferidos ao Logos. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, v. 19, n. 74, p. 31-49, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15341/11457>>. Acesso em: 6 de jan. 2017, p. 33.

<sup>54</sup> LELOUP, 2012, p. 161-162.

O Logos dos estoicos é a razão imanente do mundo; ele garante a coesão, prende o passado ao presente e ao futuro e faz de todos os seres um gigantesco organismo de quem é, ao mesmo tempo, a lei e a força que anima, a razão seminal. Nos seres inanimados, é a propriedade essencial que os especifica, na matéria, o que une as diversas partes, nas plantas, o crescimento vital, nos animais o princípio do movimento. No homem, ele se encontra sob a forma da razão<sup>55</sup>.

Reale assevera que, de acordo com os estoicos, o universo tem dois princípios: um “ativo” e um “passivo”. O ativo seria a “forma” (ou enformante), e o passivo seria a matéria. A “forma” seria a Razão divina, o *logos*, Deus. O princípio passivo é a substância sem qualidade, a matéria. Os estoicos identificam Deus- *logos* como o “fogo artífice”, como “raio que tudo governa”. O fogo, portanto, segundo eles, é o princípio que tudo transforma e tudo penetra<sup>56</sup>.

Também para os estoicos o *logos* é como o *sêmen de todas as coisas*, é como um sêmen que contém muitos sêmens (razões seminais). Assim, “os estoicos afirmam que Deus é inteligente, fogo artífice, que metodicamente procede à geração do cosmo e que inclui em *si todas as razões seminais*, segundo as quais as coisas são geradas segundo o fado. Deus é [...] a *razão seminal do cosmo*”<sup>57</sup>.

No que diz respeito ao homem, os estoicos distinguiam por um lado o *logos* interior, o pensamento que faz com que o homem tenha participação do *logos* cósmico, da alma do mundo, isto é, o *lógoç endiathéthos* (trata-se do *logos* interior, isto é, presente no pensamento). Por outro lado, existe o *logos* proferido ou a linguagem, isto é, o *logos prophorikos* (trata-se do *logos* proferido, da comunicação verbal) graças à qual o homem entra em comunicação com os deuses e os outros homens.

Essa visão teria exercido influência sobre o *logos* joanino? Pode ser que João tenha escolhido a palavra *logos* para designar o Cristo, visto que a palavra estava muito em voga no mundo grego. Além disso, as ideias estoicas estavam disseminadas no tempo em que nascia o cristianismo. Porém, a influência desse gênero é afastada. Também, bem a fundo, o

<sup>55</sup> FEUILLET, 1971, p. 216.

<sup>56</sup> REALE, 1990, p. 256.

<sup>57</sup> REALE, 1990, p. 257.

*logos* de João nada tem a ver com o *logos* grego, pois é transcendente ao mundo ao invés de ser imanente; é uma verdadeira pessoa, o que não acontece com o *logos* grego. Além disso, João emprega a palavra *logos* no sentido bíblico e não filosófico grego de razão.

O autor do Evangelho não teve como ponto de partida a ideia de razão para chegar a Deus e nele colocar algo que correspondesse à nossa razão humana. Ele partiu das palavras da revelação pronunciadas por Deus aos homens ao longo da Escritura. Assim, procurou fazer ver em tais palavras temporais um reflexo da palavra que é eterna que subsiste eternamente<sup>58</sup>. Como assevera Torres, quando João procurou buscar “um termo no qual centralizar a ideia da encarnação, ele escolheu um termo técnico, mas foi, porém, muito feliz (alguns diriam ‘genial’ ou ‘brilhante’) ao optar por uma palavra que tinha relevância tanto para os judeus como para os gentios”<sup>59</sup>.

## 5. O *logos* segundo o gnosticismo

É importante lembrar que o gnosticismo não pensa uma encarnação verdadeira, pois Deus jamais assumiria a matéria. Na concepção deles a matéria é má, a carne é má, o mundo é mau. Em Jo 1,14 ensina-se a encarnação de maneira realista. Esta ideia é contrária ao gnosticismo. Por outro lado, João fala do *logos* no mundo, para vitalizar o mundo (Jo 1,9-10), ao passo que o *logos* gnóstico se separa do mundo. Assim, não se tem certeza de que os textos gnósticos um tanto parecidos com João sejam anteriores a este<sup>60</sup>.

Sobre essa questão Dodd afirma que “não há nenhum documento gnóstico conhecido que possa, com qualquer indício de probabilidade, ser datado – pelo menos, na única forma em que temos acesso a ele – de antes do período do Novo Testamento”<sup>61</sup>. Em todo caso existe a opinião<sup>62</sup>

<sup>58</sup> FEUILLET, 1971, p. 217-218.

<sup>59</sup> TORRES, 2016, p. 157.

<sup>60</sup> PIKAZA, 1988, p. 540.

<sup>61</sup> DODD, C. H. *A interpretação do quarto evangelho*. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 135.

<sup>62</sup> Além de Dodd (1977, p.135), La Calle (1978, p. 15-18) oferece uma leitura detalhada do assunto.

que fala da possibilidade de existir elementos pré-gnósticos no tempo em que o NT foi escrito, e João estaria contrapondo tais ideias.

Não se deve pensar que a figura de Jesus foi construída sobre o mito gnóstico do redentor, mas sim que o evento de Jesus de Nazaré certamente foi apresentado aos crentes da comunidade joanina com categorias que eram significativas no período em que o Evangelho foi escrito. Além disso, a perspectiva teológica do Quarto Evangelho é profundamente diferente da dos escritos gnósticos.

No Quarto Evangelho o autor fala da origem celeste do *logos* (Verbo) e não da origem celeste do ser humano. Também assevera que o *logos* se fez carne, de modo que critica de forma radical toda perspectiva docetista que menospreza a dimensão corporal do ser humano, próprio da gnose<sup>63</sup>. O *logos* da gnose e o *logos* joanino diferem muito, de modo que João fala do *logos* que assume a *sarx*, diferente da concepção gnóstica que fala de um *logos* celeste que jamais viria na matéria por ela ser má.

## 6. O *logos* no pensamento joanino

A reflexão do conceito *logos* feito até aqui tem como intento compreender as possíveis influências que o autor do Quarto Evangelho pode ter sofrido para utilizar tal vocábulo no Prólogo. Se as heranças semita e grega que podem ser encontradas confundidas no Prólogo sob o termo *logos*, certamente é possível dizer que o *logos* é “Palavra do Outro, Palavra Criadora, fundadora do Ser dos que Estão Sendo e que o *logos* é o Desvelamento, manifestação do Ser que une os seres”<sup>64</sup>.

Meunier fala sobre o Verbo (*logos*) presente nas Escrituras. Segundo ele:

A noção vem, primeiramente, do Prólogo de João, no qual Jesus é designado como a encarnação do Verbo (em grego *Logos*) de Deus (João 1,1-3 para a ideia do Verbo preexistente “junto de Deus”

<sup>63</sup> CASALEGNO, A. *Para que contemplem a minha glória (João 14,24)*: Introdução à teologia do Evangelho de João. Trad. Debetto C. Reis. São Paulo: Loyola, 2009, p. 207.

<sup>64</sup> LELOUP, 2012, p. 166.



e que é Deus; 1,14 para a encarnação). Será um dos títulos de Cristo preferidos pelos Padres da Igreja (para as apologias do século II em particular). Esse título serve na linha de João, para fundamentar uma “cristologia do alto”, que parte de Deus (o Verbo) que se encarna, e não do homem Jesus. O Verbo, diz João, preexiste, visto que “estava no começo [...]”. É também dessa perspectiva que se desenvolve a leitura figurativa das Escrituras: já a Palavra de Deus se encontra por excelência nas Escrituras, é normal que aquele que encarna esta Palavra, a saber, o Cristo, esteja presente em toda parte<sup>65</sup>.

A partir de tal reflexão, fica claro que João fala no seu Prólogo do *logos* que preexistia, mas ao mesmo tempo afirma que o mesmo *logos* se encarnou. Além disso, a apresentação de Cristo como Palavra (Verbo) de Deus só é familiar graças ao Prólogo do Evangelho de João e, claro, através de toda tradição teológica posterior<sup>66</sup>. O Prólogo de João cristianiza o Verbo divino, visto que o liga a pessoa concreta de Jesus. Em relação à alusão do Prólogo a Gn 1, Lacoste infere que:

O próprio Verbo é qualificado em sua relação com Deus pela ‘proximidade a’ (v. 1: relação com Deus pela ‘proximidade a’ (v.1: *pros* + acusativo; trad. ‘perto de’ ou ‘voltado para’) e pela afirmação de uma identidade divina (‘o V. era Deus’) que será objeto das elaborações trinitárias ulteriores (Trindade)<sup>67</sup>.

O *logos* tinha proximidade com Deus, pois ele também era Deus. Era Deus com Deus, todavia ambos são pessoas distintas. O *logos* que é a Palavra eterna que está junto de Deus é o mesmo que assume a *sarx*. O Filho de Deus, o *logos*, viveu entre os homens e é aquele a quem se chama Jesus de Nazaré.

Tanto o helenismo, com suas diversas modalidades, quanto o judaísmo bíblico e extra-bíblico, jamais seriam ousados e afirmar: “o Logos se fez carne”. Todavia, Jo 1,14 une ambos os extremos da realidade, isto é, *logos* e *sarx*, de maneira tal que dá à frase grega a seguinte ordem: “E o

<sup>65</sup> MEUNIER, 2005, p. 35-36.

<sup>66</sup> MEUNIER, 2005, p. 38.

<sup>67</sup> LACOSTE, 2014, p. 1826.

Logos carne se fez”. A encarnação é veementemente afirmada! Um grego ficaria horrorizado ao ouvir “Deus se fez carne”; um judeu também ficaria horrorizado ao ouvir que “o homem se diviniza”. É o *logos* encarnado que dá sentido e unidade a todo o Evangelho de João, pois João tem a pretensão de que todo o seu Evangelho seja lido à luz do primeiro versículo do Prólogo. Os ditos e palavras de Jesus são os de Deus. Então, mesmo que o *logos* apareça somente no Prólogo, todo o Evangelho vive da compreensão de que o *logos* criador está encarnado. Pikaza afirma que os vv. 1 e 14 constituem o centro do Evangelho de João<sup>68</sup>. Wardison assevera que “o Logos nos é apresentado como sendo o centro e elemento necessário para a compreensão de todo o texto; trata-se do próprio Deus que se fez homem (carne) para resgatar não somente o homem, mas, toda criação”<sup>69</sup>.

O *logos*, a Palavra feita carne, realiza em si, da maneira mais sublime os dois significados do *dabar* do Antigo Testamento: Jesus, o Cristo, não fala somente as palavras de Deus, de modo a comunicar a verdade do Pai sobre o homem e suas vicissitudes terrenas, abrindo, portanto, as mentes para o conhecimento do Mistério, mas também Ele é a Palavra de Deus, o Verbo que se tornou homem, que comunica e abre caminho para a experiência vivificadora das profundezas divinas com o dom do Espírito Santo<sup>70</sup>.

### Considerações finais

Este artigo procurou apresentar as possíveis influências que o Quarto evangelista pode ter sofrido ao apresentar o conceito de *logos*. O autor do Quarto Evangelho pode ter entrado em contato com o este conceito no AT, na cultura grega, de modo que pode ter sido influenciado de certo modo ou não por essas tradições. Não há consenso sobre isso na pesquisa, mas o que é certo é que o autor do Quarto Evangelho teve certamente

<sup>68</sup> PIKAZA, 1988, p. 541.

<sup>69</sup> WARDISON, 2011, p. 48.

<sup>70</sup> FORTE, B. *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 133.

sua experiência própria para utilizar tal conceito no Prólogo do Evangelho. É também certo que João escreveu o seu Evangelho com conceitos que envolvem uma compreensão helênica, como no caso de *logos*, mas que por detrás desses conceitos há a ideia semita. No Evangelho de João, *logos* refere-se à pessoa de Jesus, o Verbo de Deus, que habitava com Deus, que era Deus, que se fez carne e habitou entre os homens. Ao que parece, o evangelista João teve como pretensão utilizar conceitos gregos, entre eles o conceito de *logos*, com o objetivo de alcançar o mundo helênico com a mensagem de Jesus.

### Referências

- DODD, C. H. *A interpretação do quarto evangelho*. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1977.
- CASALEGNO, A. *Para que contemplem a minha glória (João 14,24): Introdução à teologia do Evangelho de João*. Trad. Debetto C. Reis. São Paulo: Loyola, 2009.
- FEUILLET, A. *O prólogo do quarto evangelho: estudo de teologia joânica*. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1971. (Coleção bíblica).
- FORTE, B. *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- GUILLET, J. *Jesus Cristo no evangelho de João*. Trad. Jean Briant. São Paulo: Paulinas, 1985. (cadernos bíblicos).
- LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.
- LELOUP, J. Y. *O evangelho de João: traduzido para o francês e comentado por Jean-Yves Leloup*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 4. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012.
- LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João I: capítulos 1 – 4*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MEURIER, B. *O nascimento dos dogmas cristãos*. São Paulo: Loyola, 2005.
- PEREIRA, W. F. A Palavra de Deus no Novo Testamento. *Revista caminhando*. São Paulo, v. 9, n. 1 [13], p. 11-24. Disponível em:

- <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/1405/1426>>. Acesso em: 6 de jan. 2017.
- PIKAZA, X.; SILANES, N. *Dicionário teológico o Deus cristão*. Trad. I. F. L. Ferreira; Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1988.
- Reale, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia: antiguidade e idade média*. São Paulo: Paulus, 1990. (Vol. 1).
- SILVA, R. R. Os influxos do Modelo Eterno encontrados no Timeu de Platão e o Logos encontrado no Prólogo do Evangelho de João. *Revista caminhando*. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 25-36, 2016. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/6920/5499>>. Acesso em: 6 de jan. 2017.
- TORRES, M. L. A retórica do Logos. *Revista caminhando*. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 147-167, 2016. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/6992/5506>>. Acesso em: 6 de jan. 2016.
- WARDISON, A.; TEIXEIRA, C.; JESUS, J, P. T. O Prólogo de João: atributos conferidos ao Logos. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, v. 19, n. 74, p. 31-49, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15341/11457>>. Acesso em: 6 de jan. 2017.

Submetido em: 09/09/2019

Aprovado em: 20/06/2022